

O QUE VOCÊ VÊ? O QUE PENSA? E O QUE FAZ? CONTRIBUIÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARA A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

WHAT DO YOU SEE? WHAT DO YOU THINK? AND WHAT DO YOU DO? CONTRIBUTIONS OF CONTEMPORARY ART TO AESTHETIC EDUCATION

¿QUÉ VES? ¿QUÉ PIENSAS? ¿Y QUÉ HACES? CONTRIBUCIONES DEL ARTE CONTEMPORÁNEO A LA EDUCACIÓN ESTÉTICA

LICENÇA CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



Neila Schulz Reiser
Universidade do Vale do Itajaí

Denise Costa
Universidade do Vale do Itajaí

Artigo recebido em: 25/07/2024

Aprovado em: 07/08/2024

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo refletir como a arte contemporânea contribui para a educação estética. A partir da proposta de emancipação de Rancière (2015), cartografaram-se experiências com obras das artistas Lucia Koch, *Propaganda*, Eli Heil, *Brincando de rodas e rodinhas*, e Beatriz Milhazes, *Moon*. Utilizou-se o conto *Os prédios também sonham*, de Vinícius Batista, como fio que tece a conexão entre as produções artísticas. Como resultado, aponta-se que a arte provoca o sujeito a jogar e a fazer uma experiência, desempenhando um papel fundamental na educação estética ao reverberar na autonomia intelectual do conhecimento.

Palavras-chave: Educação estética. Arte contemporânea. Experiência

Abstract: This research aims to reflect on how contemporary art contributes to aesthetic education. From Rancière's (2015) emancipation proposal, experiences with works by the artists Lucia Koch, *Propaganda*, Eli Heil, *Brincando de rodas e rodinhas* [Playing with wheels and little wheels], and Beatriz Milhazes, *Moon*, were mapped out. The short story *Os edifícios também sonham* [Buildings also dream], by Vinícius Batista, was used as a thread that weaves the connection between the artistic productions. As a result, it is point out that art provokes the subject to play and make an experience, playing a fundamental role in aesthetic education by reverberating in the intellectual autonomy of knowledge.

Keywords: Aesthetic education. Contemporary art. Experience.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo reflejar cómo el arte contemporáneo contribuye a la educación estética. A partir de la propuesta de emancipación de Rancière (2015), se mapearon experiencias con obras de las artistas Lucia Koch, *Propaganda*, Eli Heil, *Jugando con ruedas y rueditas* y Beatriz Milhazes, *Moon* (Luna). Se utilizó el cuento *Os prédios também sonham* (Los edificios también sueñan), de Vinícius Batista como hilo que teje la conexión entre las producciones artísticas. Como resultado, se señala que el arte provoca que el sujeto juegue y haga una experiencia, desempeñando un papel fundamental en la educación estética al repercutir en la autonomía intelectual del conocimiento.

Palabras clave: Experiencia Educación estética. Arte contemporáneo. Experiencia.





INTRODUÇÃO

Nos sentimos levemente geniais,
astutos, quando revelamos pequenas
coincidências do mundo, não?!
(Batista, 2022, p. 24).

O questionamento presente na epígrafe faz parte do conto *Os prédios também sonham* e é um convite para refletirmos sobre como nos relacionamos com as coisas do mundo. Vinícius Batista (2022), em meio a dias inertes e monótonos de reclusão social, decidiu dar vida aos prédios que habitavam sua vizinhança. A experiência do diálogo entre o autor e os arranha-céus foi articulada por memórias e imaginação, revelou coincidências entre coisas aparentemente inanimadas e os seres vivos e ressignificou a existência do autor. Uma trama construída no entrecruzar da vida das pessoas e das coisas do mundo.

Percebemos que coincidências com o mundo também são reveladas por experiências com obras de arte contemporâneas, uma vez que se caracterizam por trazer a experimentação de materiais inusitados para suas composições, além de trabalharem temas sobre questões sociais e políticas. Esse aspecto, que muitas vezes nos causa estranhamento, também provoca a nossa reflexão. Na relação com as produções de arte contemporâneas, sentimo-nos tocados e inquietos, pois elas possibilitam um novo olhar para nossa existência.

Nessa direção, propomos discutir como a obra de arte contemporânea movimenta os sentidos para a educação estética a partir da obra *A educação estética do homem*, de Friedrich Schiller, que estudou e desenvolveu, no século XVIII, ideias para defender a educação estética do ser humano em cartas trocadas com o Príncipe de Augustenburg.

Nas cartas enviadas ao Príncipe, ao apresentar sua perspectiva sobre a situação da época, Schiller (2013, p. 23) escreve que “a arte é filha da liberdade”, necessita ser valorizada sem desprezar a ciência, e ressalta que “[...] a utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos” (Schiller, 2013, p. 23). O autor afirma que a arte se encontra desprezada enquanto o valor da ciência é ampliado, dado que defende sua teoria em um período da humanidade marcado por guerras, privação de liberdade e avanço do racionalismo científico.

Para Schiller (2013), quando o ser humano separa a sensibilidade (impulso sensível) e a razão (impulso formal), ele é incapaz de atingir a plenitude do ser, pois é na harmonia entre esses dois impulsos, pelo viés da educação estética, que ocorre o jogo (impulso lúdico), aquele que movimenta o sensível e o racional. Sem a fragmentação dos impulsos sensível e formal, o sujeito encontra harmonia em si mesmo, o que irá refletir na sua relação com o mundo.

Ao jogar, o ser humano se descola de seu próprio universo e passa a contemplar o mundo fora de si, em um movimento no qual ele domina seus sentidos vitais, suas necessidades, e não é mais escravizado por seus impulsos, pois reflete sobre o mundo vivido. Quando as sensações e os afetos se harmonizam com os sentidos da razão, “[...] o homem conjuga a máxima plenitude de existência e a máxima independência e liberdade, abarcando o mundo em lugar de nele perder-se” (Schiller, 2013, p. 64). Essa harmonização dos afetos e das sensações com os sentidos da razão leva

o ser humano a privilegiar os princípios que regem a vida em comunidade por não se deixar guiar apenas pelas necessidades básicas, pelos impulsos involuntários.

Schiller (2013, p. 46) nos diz que “[...] a formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento”. Reconhecemos que atualmente ainda é possível nos apropriarmos das palavras emitidas pelo autor no século XVIII, visto que a humanidade carece de educação estética.

Para que o ser humano seja educado esteticamente, ele necessita mais do que uma ação pontual, ele precisa de um exercício constante para toda a vida, de um movimento de jogo contínuo que nunca se esgota. Em vista disso, a arte é um dos meios de nos nutrirmos esteticamente e, assim, nos afastarmos das asperezas impostas pela modernidade. Acreditamos que, no jogo entre sensível e inteligível, o ser humano pode se educar esteticamente, e, na experiência com a arte, o impulso lúdico movimenta razão e sensibilidade.

Nesse sentido, estudos que têm sido desenvolvidos, como os de Konell (2020), Steil (2021) e Hentchen (2022), vêm corroborar tal afirmação. A tese intitulada *O espaço da arte no museu de arte contemporânea*, de Konell (2020, p. 48), teve o intuito de “[...] compreender como o espaço da arte no museu de arte contemporânea contribui para formação sensível e inteligível”. A pesquisadora “habitou” o Instituto Inhotim, em Minas Gerais (MG), e fez uma experiência com as obras artísticas. Composto palavras com vasos de cerâmica ou mergulhando na piscina de Macchi, Konell (2020) descobriu que a fruição se dá, em especial, naquele que assume jogar com a obra, em outras palavras, experiencia a arte e explora descobertas sensíveis e inteligíveis que reorientam sua concepção de ser e estar no mundo.

A tese de Steil (2021), por sua vez, partiu do pressuposto de que os saberes sensível e inteligível podem ser movimentados pela arte e que, pela dança, também possibilitamos a educação estética. Esse movimento de saberes

[...] permite encontros para vivenciar a completude do momento e ocorre na medida em que se torna uma experiência para o sujeito, ao reverberar diretamente em seus impulsos e ações e afetar a imaginação e os modos de ver e de relacionar-se com o mundo. (Steil, 2021, p. 58).

A pesquisadora nos diz que, nesse movimento, podemos ampliar e ressignificar nossos conceitos por meio da educação estética, a fim de nos tornarmos cultivados, evidenciando nosso equilíbrio racional e sensível para que alcancemos liberdade e autonomia intelectual.

Outra pesquisa que merece destaque é a dissertação intitulada *Da terra de Oz a um mundo leitor de ampla potencialidade [ou Fazer experiências literárias como caminho para a educação estética]*, de Hentchen (2022). O texto aborda como a obra literária pode potencializar a educação estética na cena cultural escolar, especialmente quando o estudante aceita fazer uma experiência com a leitura pautada na consciência indissolúvel do sensível e do inteligível. Essa experiência “co(-)move” o leitor “[...] de tal modo que já não possa mais ver ou ser igualmente” (Hentchen, 2022, p. 89).

Essas pesquisas demonstram que a arte é um dos caminhos para se fazer uma experiência e se educar esteticamente. Para apoiar nossa contextualização, destacamos a obra *A caminho da linguagem*, de Martin Heidegger (1889-1976), em que o autor discorre sobre o fazer uma experiên-



cia como um caminho, uma travessia, um relacionamento. Ao fazer uma experiência, estamos “a caminho” e recebemos o que nos vem ao encontro (Heidegger, 2003). Nesse caminho, fazer uma experiência com a arte é algo maior e mais complexo do que a simples experiência sensorial, pois ela nos impulsiona ao jogo, à reflexão, ao diálogo e à educação estética, conforme problematizamos a seguir.

O JOGO QUE EDUCA ESTETICAMENTE

*E eu decidi não viver aquela
estranheza na base da impressão.
(Batista, 2022, p. 25).*

Batista (2022) estava vivendo um momento inusitado, único na vida, algo que merecia ser percebido, vivenciado. O autor do conto deixa-se atravessar pelas luzes dos prédios, utiliza o conhecimento lógico da computação, aciona a imaginação e traduz a estranheza do encontro em uma desorganizada partitura de compostos binários, estabelecendo um número para as luzes acesas e o número zero para as apagadas. Refletimos que, nesse movimento de saberes, se dá a educação estética, no jogo, no apreciar das luzes e na reflexão do tempo e do espaço em um momento nunca vivido no nosso século.

Nessa perspectiva, Neitzel e Alves (2022, p. 431) explicam a educação estética como “[...] um movimento de apreensão do mundo pelas vias sensoriais, como também pela razão, sem apartamentos, para que o impulso lúdico seja desenvolvido em uma relação que tecemos com o mundo, a qual se potencializa no jogo”. O jogo entre razão e sensibilidade, como citamos anteriormente, ocorre quando aceitamos fazer uma experiência estética.

Schiller (2013) sugere que somente o jogo torna o ser humano completo, desdobrando sua natureza dupla (razão e sensibilidade). O jogo nos educa esteticamente quando somos atravessados pela obra de arte, ou melhor, quando nos colocamos nas dobras da arte e nos permitimos ser afetados por ela. Isso ocorre porque, ao trazer questões da vida, das ideologias e do tempo, a arte comove e imprime sentidos no fruidor, o que possibilita a reflexão sobre seu modo de ser e agir no mundo. Nas palavras de Neitzel e Carvalho (2011, p. 105), “[...] a arte é parte do humano”; ao fruir a obra, o sujeito relaciona-se consigo e com o contexto que o cerca em uma relação de diálogo, de jogo e de reflexão.

Esse poder de reflexão desenvolvido quando jogamos nos permite agir de acordo com nossas próprias escolhas. Entretanto, como nós vivemos em sociedade, nossa plenitude respeita as leis e as limitações impostas por alguns sistemas sociais, políticos ou culturais, sem nos deixar sentir oprimidos por eles. Por isso, afirmamos que a nossa plena liberdade se origina no pensamento estético, que se manifesta no equilíbrio entre razão e sensibilidade.

Para Schiller (2013, p. 136), a educação estética encontra-se nas pessoas que enfrentam as situações mais complexas com simplicidade e tranquilidade, “[...] não necessitando ofender a liberdade alheia para afirmar a sua, nem desprezar a dignidade para mostrar graça”. Quando não há predomínio da razão sobre a sensibilidade e as hierarquias são afastadas das relações humanas, as condições sociais, econômicas, religiosas, culturais e todos os seus preconceitos são suprimidos, o

que promove a condição de emancipação, de liberdade e de harmonia ao sujeito.

A educação estética é, portanto, um movimento também político, no qual o ser humano se permite banhar e ser encharcado pelas águas da transformação, como sujeito que nunca está pronto, mas que se constitui como parte do meio em que vive. Nesse processo de transformação pelo qual passamos, por meio do contato com a arte, ao jogarmos com a obra e desenvolvermos o impulso lúdico, refinamos nosso gosto e passamos a compreender e perceber a função estética da arte.

Atrevemo-nos a dizer que “jogar” é experienciar a obra, fazer uma experiência com a arte. Concordamos com Heidegger (2003, p. 121) que fazer uma experiência com algo, seja o que for, “[...] significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma”. Para o autor, “fazer” não significa que a experiência foi produzida por nós, mas nos atravessou, nos afetou. Ao jogar, relacionamo-nos com a obra e fazemos uma experiência.

Heidegger (2003, p. 137) aborda que “[...] fazer uma experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso nos alcance e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção”. À experiência nos entregamos e com a experiência nos harmonizamos.

Nessa mesma linha, Larrosa (2019, p. 34) explica que experiência “[...] é a abertura para o desconhecido”, ou, como Batista (2022, p. 27) pontua em seu conto, em seu 25º dia de reclusão, no sentido de nos permitirmos observar algo sob uma nova perspectiva, além da mera impressão do que ocorre no momento: “[...] minha cabeça volta a formular hipóteses para as coincidências das janelas acesas e apagadas que vão coreografar padrões ao longo da noite que iniciaria ali pouco mais”.

A partir desses estudos, assumimos que fazer uma experiência com a arte é essencial à educação estética do ser humano, pois nos inspira e nos desafia a explorar nossa própria identidade e o mundo em nosso entorno. Essa relação entre o sujeito e a arte possibilita uma reflexão crítica e uma compreensão ampliada do contexto social. Fazer uma experiência, portanto, é renunciar aquilo que temos como conhecimento consolidado e nos permitir estar em sintonia, jogar, *re-anunciar* e nos relacionar com o novo, como demonstramos a seguir.

EXPERIÊNCIAS COM OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEAS

*A revelação dessas combinações
de cômodos acesos e apagados
que formam os sentidos
do que os prédios querem dizer
me veio feito luz.
(Batista, 2022, p. 33).*

Batista (2022) incorpora o cenário do cinema mudo que havia criado para dialogar com a paisagem vista do seu apartamento e, por meio do acender e do apagar das luzes dos prédios, cartografa um vocabulário de luzes sincronizadas, notas musicais e discussões. “Prédios construindo palavras?” (Batista, 2022, p. 31). Percebemos, nos versos da epígrafe, que o autor se descola da sua realidade e passa a contemplar um mundo fora de si. Movimentado pela percepção que instiga memórias, afetos, inquietações, ele faz uma experiência.

Para cartografar a experiência com as obras de arte contemporâneas deste estudo, utilizamos



a proposta do saber emancipado de Rancière (2015) respondendo às seguintes questões: O que você vê? O que pensa? E o que faz? Segundo o autor, não há explicação para ser compreendida, mas questões para serem respondidas que não visam a instruir, mas emancipar o sujeito, pois, no caminho do saber, as respostas são individuais, únicas, frutos da experiência de cada um, e, portanto, não devem ser padronizadas. Assim, o saber emancipado é justamente a consciência do sujeito “[...] daquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual a sua” (Rancière, 2015, p. 64). Isso significa que a emancipação está associada à ideia de autonomia intelectual, possibilidade defendida pela educação estética.

O método aplicado para produzir as contribuições das experiências com as obras de arte contemporâneas para educação estética foi a cartografia. Deleuze e Guattari (2019) explicam que esse método permite a produção de conhecimentos em um movimento de rizoma, no qual as referências são desenhadas, à medida que se expandem pelos próprios passos da pesquisa.

A cartografia favorece que o apreciador se constitua parte do rizoma e, com as obras, faça conexão com o mundo em cadeias semióticas, ocorrências que remetem a outras artes, às ciências, às lutas sociais, enfim, “[...] como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos” (Deleuze; Guattari, 2019, p. 23). Essa consonância provoca o sujeito a se reconhecer como parte do processo de produção de conhecimento. Tal conexão permite alinhar o desenho da cartografia em suas multiplicidades, fazendo proliferar o rizoma em todas as dimensões possíveis.

Sem começo nem fim, “[...] todo rizoma compreende linhas de segmentaridade, segundo as quais ele é estratificado, territorializado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze; Guattari, 2019, p. 23). Nesse panorama, este estudo fluiu de acordo com o que encontramos em nosso trajeto, multiplicando diálogos, dimensões e originando novos percursos, os quais os autores anunciam como o princípio de ruptura significativa, que permite o rizoma ser partido e reconstruído.

Como concebem Deleuze e Guattari (2019, p. 28), “[...] fazer rizoma, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata” é o propósito da cartografia. Não existe modelo prévio para o trajeto, pois o cartógrafo não segue um plano determinado anteriormente, apenas abre novas perspectivas decorrentes de outras. Assim como no caminho das nossas pesquisas, fomos atravessados por diversas obras de arte e seguimos em linhas de fuga por outros territórios, que se abriram para constituirmos essa cartografia.

RIZOMAS DAS OBRAS DE ARTE

*A revelação dessas combinações
de cômodos acesos e apagados
que formam os sentidos
do que os prédios querem dizer
me veio feito luz.
(Batista, 2022, p. 33).*

Ao imaginarmos a cena dos cômodos acesos e apagados, somos levados a pensar sobre o momento da revelação do sentido do dizer dos prédios. Visualizamos, então, a cartografia deste estudo, que acontece à luz do encontro rizomórfico da literatura, encarnada no conto de Batista, e das obras de arte contemporâneas *Propaganda*, de Lucia Koch, *Brincando de roda e rodinhas*, de Eli Heil,

e *Moon*, de Beatriz Milhazes. A seleção dessas obras teve a intenção de colaborar com a Meta 4.7 da Agenda 2030 para educação, que se preocupa em garantir que todos adquiram conhecimentos e habilidades, que promovam a igualdade de gênero e valorizem a presença das mulheres na arte brasileira, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2015).

Destacamos que a arte contemporânea tem como uma de suas características a utilização de objetos do cotidiano, aos quais são atribuídas significações que transcendem sua função original. Essa particularidade dá ao objeto abertura para pensarmos novas possibilidades sobre suas composições, aproximando e misturando “[...] cada vez mais as questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: o corpo, a política, a ecologia, a ética, imagens geradas pela mídia, etc.” (Canton, 2011, p. 9). Dessa forma, quando jogamos com a obra, harmonizamos sentidos e razão e nos colocamos como fruidores receptivos da arte, podendo, assim, ampliar nossa visão e percepção sobre o mundo.

Então, o que vemos em *Propaganda*, de Lucia Koch (Figura 1)? Uma grande caixa de papelão vazia, em meio à natureza. O que pensamos? Estabelecemos conexões, verificamos que é uma intervenção e que, para realizar esse trabalho, a artista pesquisou os itens mais populares nos mercados locais da cidade: saco de carvão, queijeira e caixa de cogumelos. Ela adquiriu unidades desses artigos, esvaziou-os de seu conteúdo e fotografou essas embalagens, ampliando as imagens para uma escala monumental, em uma dimensão arquitetônica (Nara Roesler, 2021).

Figura 1 – *Propaganda* (Folie), Lucia Koch



Fonte: Imagem extraída de Nara Roesler (2021). Fotografia: Inhotim.

O que fazemos? Cartografamos o processo de criação e descobrimos que, além do desastre na barragem de Brumadinho/MG, a produção está articulada à obra *No país das últimas coisas*, de Paul Auster. O livro de Auster conta a história de um mundo onde as coisas se desfazem, desaparecem e nada é reconstruído. Voltamos à imagem da caixa, associamos ao enredo do livro e o que pensamos? Como lidamos esteticamente com o fim? Como preenchemos os vazios das nossas caixas?



O tempo, essa “sequência de agoras”, como denomina Heidegger (2003, p. 165), esvazia-se de vida dia após dia, nos dá limites de horas e confirma a redução da distância do fim. Nossa existência é marcada por perdas: os cabelos, o vigor físico, o emprego, os parentes e os amigos que partem. Nascemos com a lógica da morte, mas nem sempre possuímos a sensibilidade para lidarmos com a finitude e o luto. Desenvolvemos frustrações, mágoas, melancolia, rancor.

As noites narradas por Vinícius Batista também nos incitam algumas questões: Em que espaço e lugar nos colocamos para sentir as luzes e a escuridão dos prédios? Preservarmos a obrigação da vida, ao alimentarmos o corpo e nos mantermos acordados na estação tediosa de uma pandemia, dando vida às coisas que nos cercam (Batista, 2022), nos faz mais felizes? O que potencializa a nossa existência?

A imagem da obra *Propaganda* nos incita a pensar que o fim das coisas não se dá somente em razão da perda, mas pelo entendimento sensível e inteligível do luto. Acreditamos que a educação estética seja o movimento para potencializar a autonomia do ser humano, de tal modo que não possa mais ver ou viver de igual forma, dando-lhe condições para ressignificar os acontecimentos exteriores dos quais é protagonista, como perdas, desmotivações, apatias (Hentchen, 2022).

Assim, delineamos *Brincando de rodas e rodinhas* (Figura 2), de Eli Heil, e encontramos uma espécie de mandala colorida em que, ao centro, duas mulheres aparentemente dançam.

Figura 2 – Brincando de rodas e rodinhas, de Eli Heil, 1968



Fonte: Imagem extraída de Museu o Mundo Ovo de Eli Heil (2008). Técnica mista, 80x96 cm.

Percebemos, no jogo de cores em torno das mulheres dançantes, olhares expressivos que observam os movimentos. Dançamos sobre a obra e divagamos entre suas formas e cores em uma

viagem que parece continuar em nosso interior, uma vez que a forma circular sugere o girar para sentidos diversos.

O que fazemos? Acionamos a lógica e questionamos o aspecto dos olhares presentes na imagem. Eles estão espalhados em toda a tela, parecem curiosos, mas podem estar reprovando o movimento das mulheres que dançam livremente. Então, o que pensamos? Podemos pensar nas danças circulares utilizadas para celebrar a vida em vários momentos, desde simples brincadeiras de roda até antigos rituais de colheita, nos quais a roda e a dança simbolizam a união, a interação social e o compartilhamento de momentos de alegria.

Pensamos na corporeidade do movimento da dança, pois, ao dançarmos, harmonizamos integralmente nosso corpo. Steil (2021) explica que, quando dançamos em uma experiência estética, esta se torna uma ignição para vida, visto que acionamos nosso sistema límbico, responsável pelas emoções e pelos comportamentos sociais. Nesse girar pelo espaço que se expande em torno dos círculos dançantes da obra e dos corpos que se misturam com formas e cores, pensamos na liberdade e nos movimentos pela igualdade de gênero no contexto social.

Vivemos em uma sociedade marcada pelo patriarcado, pelo poder e pela hierarquia da supremacia masculina, especialmente nas relações de trabalho. Em Brincando de rodas e rodinhas, na lógica dos movimentos circulares, visualizamos a força centrípeta que reverbera na sensibilidade para percebermos a educação como possibilidade de resistência às estruturas sociais que priorizam o masculino como força e poder. Por último, contemplamos a obra Moon, de Beatriz Milhazes (Figura 3).

A obra foi produzida a partir da composição de peças e de formas criadas com embalagens recortadas e coladas, tendo o papel como suporte e dando voz ao que era aparentemente inútil e descartável. A combinação de elementos geométricos, orgânicos e florais cria uma atmosfera dinâmica e harmônica. As cores, as tonalidades e os contrastes dão corpo à obra e suas estampas e seus recortes sinuosos favorecem o movimento dos nossos olhos por toda a extensão do quadro.

Figura 3 – *Moon*, de Beatriz Milhazes



Fonte: Imagem extraída de Pinacoteca de São Paulo (2007). Colagem sobre papel, 160x190 cm.

O que vemos? Nossos olhos passeiam pela obra em um movimento infinito. Lembramos das



quatro fases da lua e seguimos cartografando em rizoma para as fases da vida da mulher. Habitamos o universo feminino e nos perguntamos se todas as mulheres têm, em suas almas, paradigmas ou padrões de sentimentos que direcionam sua vida. Percebemos que esse rizoma se abre em outros questionamentos que percorrem outras vidas e outros acontecimentos. O que pensamos? O que há por detrás das cores e das formas de Beatriz Milhazes? Como saber o que existe e persiste na alma feminina? Há algum meio de descobrir ou de criar relações em códigos?

Observamos como as cores e as estampas de Beatriz Milhazes invadem nosso olhar. Exploramos as minúcias de cada uma delas. Quais as relações das estampas com nossa vida? É possível percebermos reflexos e movimentos na imagem? Como a artista conseguiu produzir essa sensação? Diante da obra de arte, essas e outras questões podem nos envolver na tentativa de produzir sentidos. Para Konell (2020), a arte contemporânea surpreende e provoca, ao nos desafiar e promover o impulso lúdico, que nos coloca em movimento e possibilita liberdade, emancipação, nos colocando no caminho para a educação estética.

Voltamos ao conto de Batista (2022, p. 32), que fala: “[...] eu teria um estalo mágico e seria capaz de traduzir os papéis que se acumulavam”. Como sujeito da experiência, o autor deixa-se afetar pelo território dos prédios. Esse movimento, de algum modo, produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios e produz alguns efeitos (Larrosa, 2019). Ele percebe a magia desse encontro e deseja uma maneira de estabelecer comunicação com os edifícios, decodificando os signos revelados, noite após noite, no acender e no apagar das luzes. Larrosa (2019) pontua que o saber da experiência se dá na relação entre conhecimento e vida cotidiana, pois é o saber que deriva da experiência “[...] que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (Larrosa, 2019, p. 33).

Nesse sentido, quando jogamos com uma obra, aprendemos a renunciar, abrimos possibilidades para o novo, para a ressignificação. *Re-anunciamos* e fazemos uma experiência com o que nos toca, uma experiência pensante no jogo de tempo-espço, em que “o tempo repousa quieto” e “o espaço repousa quieto” no “acontecimento apropriador” (Heidegger, 2003, p. 169), o qual ocorre quando cada sujeito se apropria do acontecimento, de modo único, singular.

Na interação com as obras, ao jogar com elas, mobilizamos duas forças antagônicas: o impulso sensível (sensação) e o impulso formal (razão). Quando esses impulsos são provocados, ou seja, quando jogamos, o movimento entre as duas forças faz emergir o impulso lúdico. É no movimento do jogo que acontece o encontro entre o sensível e o inteligível. Na expansão do impulso lúdico, “[...] o homem joga somente quando é homem pleno, no sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga” (Schiller, 2013, p. 76).

Para Schiller (2013), é nesse movimento do sentir e do pensar que se dá a educação estética do ser humano. O movimento da sensibilidade e da razão necessita ser infinito, pois a educação estética vai se tornando própria do ser humano na continuidade desse jogo de forças que nutre e cultiva o sujeito.

No percurso cartográfico pelas três obras artísticas, percebemos a infinitude das relações que são criadas entre elas. Em um movimento rizomático, dá-se o jogo. Com isso, a fruição não caminha linearmente, mas se alterna entre o que percebemos em cada uma das obras e a multiplicidade de aproximações que fazemos entre elas.

CARTOGRAFANDO SUBJETIVIDADES

Nesse contraste, conseguia recriar as frases rapidamente. Retirando em poucos segundos os quadrados, reposicionando outros e visualizando a palavra como se fosse escrita em minha língua materna. (Batista, 2022, p. 39).

Batista (2022) vivencia a história dos prédios no jogo entre razão e sensibilidade, com voleios de palavras, olhares rizomáticos, tramas de fios. Ele inteiramente habita sua vizinhança. Quando nos deixamos penetrar nas obras de arte, exercitamos o pensamento, movimentamos saberes e produzimos subjetividades compostas pela história e pela cultura, que favorecem a nossa educação estética.

A caixa de cogumelos de *Propaganda* movimenta o cotidiano que nos afeta. Nossa casa, nossas janelas, nós mesmos. Somos capazes de lembrar que a maior parte dos produtos que consumimos possuem embalagens, que plásticos e outros tipos de embalagens podem perder, em segundos, sua utilidade, mas podem vagar por anos no planeta até que, finalmente, sejam extintos. Percebemos os espaços, percebemos a Terra. “Pertencemos à Terra que nos pertence” (Morin; Kern, 2003, p. 175). Tornamo-nos mais conscientes acerca das pessoas e das coisas do planeta, sobre quem somos, o que temos e o que fazemos em relação ao mundo.

Essa consciência planetária nos capacita a reaprender a finitude terrestre e a renunciar o falso infinito da onipotência técnica. Compreendemos que nossa habilidade técnica, nosso pensamento e nossa consciência devem ser destinados não a dominar, mas a arrumar, a melhorar nossa existência. É preciso que o ser humano se torne copiloto da Terra em “[...] uma dupla pilotagem na qual homem/natureza; tecnologia/ecologia; inteligência consciente/inteligência inconsciente” (Morin; Kern, 2003, p. 132) coexistam a favor da e na humanidade terrestre.

A dança, em *Brincando de rodas e rodinhas*, inspira o desenvolvimento do nosso autoconhecimento e, de forma implícita, o conhecimento do outro, nos ensinando a respeitar o próximo e as suas diferenças. Também nos faz pensar em uma educação menos discriminatória e que valoriza o universo feminino, quando apresenta a conexão de duas ou mais mulheres que brincam e dançam entre formas e cores.

Dançamos em ciclos da vida, da Terra, em dias e noites. Batista (2022, p. 32) descreve: “Se eu fosse um edifício de nove andares, como eu daria as boas-vindas a um novo ciclo de conversas?”. *Moon* nos faz lembrar da lua e dos ciclos. Como lidamos com nossos ciclos vitais? É possível pensarmos na importância de respeitar as fases do ser humano (infância, adulto, velhice), das plantas (germinação, floração, frutos), das estações (primavera, verão, outono, inverno), dos ciclos, entre outras.

Apontamos a educação estética como possibilidade para o sujeito fazer uma leitura do mundo e ampliar sua compreensão quanto aos ciclos que permeiam a sua existência, de forma que possa resistir ou acompanhar cada mudança. Nessa perspectiva, o entendimento das etapas da vida contribui com o encorajamento dos sujeitos para o questionamento e a reflexão crítica e a compreensão das próprias experiências como das experiências dos outros.

A cartografia dessas subjetividades indica que a educação estética pela arte é uma das vias de apreensão das percepções do sensível e da razão, que a experiência abre caminhos para que o ser humano seja capaz de entender e perceber as sutilezas da vida. Ao fazer uma experiência, movimentamos razão e sensibilidade, então, possibilitamos condições para a educação estética. Somos



instigados ao questionamento pelo viés da fruição, em uma tensão que impulsiona ao jogo.

No fazer uma experiência com a arte, o movimento de jogo entre apreciador e obra entrelaça diferentes saberes, que se relacionam no processo de construção do conhecimento, o qual contribui para a autonomia intelectual do sujeito, ou seja, para sua emancipação, que é uma condição singular de perceber, mas que nos torna semelhantes aos outros e que nos possibilita escolher nossos próprios caminhos (Rancière, 2017).

CONTRIBUIÇÕES DA ARTE PARA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Assim como os prédios,
me sentia mais vivo neste cenário.
(Batista, 2022, p. 42).

A experiência de Batista (2022) com a arquitetura da vizinhança mudou o cenário inorgânico de sua existência. Agora, há sentimentos, lógica, sonhos, memórias, imaginação, vida. A escrita literária converteu o acender e o apagar de luzes em vida e transformou em arte o tédio da cidade que sucumbia pela pandemia da covid-19. De igual forma, o jogo com as obras de arte contemporâneas discutidas neste estudo reaviva nossa existência a partir de perspectivas sociais, econômicas, ambientais ou políticas.

O fio rizomático tecido entre as três obras cartografadas e o conto *Os prédios também sonham* nos mostra panoramas do cotidiano que ultrapassam o horizonte dos sentidos do corpo, ascendendo à dimensão estética e permitindo uma experiência que desperta emoções, sensações, pensamentos e reflexões.

Pontuamos que, no século XVIII, quando Schiller (2013) escreveu as cartas ao Príncipe, falava sobre o aspecto do gosto sobre a arte acadêmica, que ainda era o tradicional naquele período. Assim, trazemos para o século XXI um conceito que, a nosso ver, pode ser considerado atual, pois a arte, nos seus diversos períodos ou movimentos, seja acadêmica ou contemporânea, em suas diferenças e propósitos, pode nos mobilizar ao jogo.

Concluimos que a arte contemporânea tem o atributo de questionar e desafiar as convenções protegidas, pois rompe com as normas tradicionais de representação estética e com os conceitos preestabelecidos. Isso estimula os fruidores a questionarem suas próprias perspectivas e a considerarem novas formas de ver, interpretar e apreciar a vida.

Pelas vertentes dessas obras, afetamo-nos e vamos além do que os olhos veem, uma vez que a arte, em suas diversas linguagens e em seus diferentes contextos históricos, nos põe no caminho da educação estética, na concepção apontada por Schiller (2013), na qual nos sentimos mais humanos, com disposição para construir uma educação integral com as estéticas da existência.

Apontamos que fazer uma experiência com a arte contribui para a educação estética e desempenha um papel fundamental na formação integral dos indivíduos. Nossa afirmação é o reflexo das bases teóricas que sustentam os conceitos de educação estética (Schiller, 2013) e de fazer *uma experiência* (Heidegger, 2003). Pontuamos que, apesar das contribuições dos autores na construção desses conceitos apresentarem grande distância temporal dos dias atuais, elas permanecem vivas e importantes frente ao que observamos nas relações humanas da sociedade atual.

Portanto, o convívio com as produções dos artistas contemporâneos abre nossa visão para

além do que estamos acostumados a apreciar, porque a arte contemporânea desafia nosso hábito do gosto pelas coisas que conhecemos. É justamente diante do desconhecido, do diferente, do que se distancia da nossa realidade que nos vemos à beira da renúncia, quando nossos sentidos são movimentados e *re-anunciamos*. Iniciamos o jogo e fazemos uma experiência. Esse exercício necessita de constância para nos nutrir esteticamente, pois a educação estética do ser humano é um movimento contínuo para a sua emancipação.

Convidamos, então, leitores para que façam encontros com obras de arte contemporâneas, apropriarem-se delas em um movimento entre a razão e a sensibilidade, que reverbere na sua autonomia intelectual. Assim sendo, desterritorializamo-nos de nossas pesquisas e constituímos esta cartografia, que seguirá por outras linhas de fuga e talvez se reterritorialize em outros rizomas, abrindo novos caminhos para o conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Vinícius. Os prédios também sonham. Itajaí: Rizoma Projetos Editoriais, 2022.
- CANTON, Katia. Do moderno ao contemporâneo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Editora 34, 2019.
- HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 7. ed. 1. reimp. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- HENTCHEN, Luana Camila. Da terra de Oz a um mundo leitor de ampla potencialidade [ou Fazer experiências literárias como caminho para a educação estética]. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2022.
- KONELL, Vania. O espaço da arte no museu de arte contemporânea. 2020. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2020.
- LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. 4. reimp. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. Terra pátria. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MUSEU O Mundo Ovo de Eli Heil. Acervo. Eli Heil, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://eliheil.org.br/por/acervo/>. Acesso em: 12 maio 2023.
- NARA Roesler. Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil. Nara Roesler, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://nararoesler.art/news/763/>. Acesso em: 12 maio 2023.
- NEITZEL, Adair de Aguiar; ALVES, Maria Paula. Grande sertão veredas: estudos sobre a educação estética. Antares: Letras e humanidades, Caxias do Sul, v. 14, n. 33, p. 425-451, maio/ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n33.16>
- NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. Estética e arte na formação do professor de educação básica. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, v. 17, n. 17, p. 103-121, 2011.
- ONU. Organização das Nações Unidas. Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nações Unidas Brasil, Brasília, 15 set. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 12 maio 2023.
- PINACOTECA de São Paulo. Moon. Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?id=13377&ns=201000&Lang=BR&mostraExplorar=1>.



Acesso em: 12 maio 2023.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. 3. reimp. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. 4. reimp. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem: numa série de cartas. 7. reimp. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2013.

STEIL, Isleide. Educação estética e o corpo dançante na escola. 2021.157 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2021.



contrapontos